

# COOPERAÇÃO FECUNDA A DO 1º GRUPAMENTO DE ENGENHARIA

VIRGILIO CORRÊA FILHO

Criado pelo Decreto n. 37.221, de 27 de abril de 195..., o 1º Grupamento de Engenharia coordena, sob a mesma Chefia as atividades do 1º Batalhão Rodoviário, do 3º e 4º Batalhão Ferroviários, cujas sedes respectivas se fixaram em Caicó (R.N.), Campina Grande (Pb) e Crateus (CE), consoante determinara o Decreto de 19 de janeiro, que os gerou, "a fim de executarem serviços técnico-ferroviários, rodo-ferroviários e de obras contra as sêcas".

A imensidão da área abrangida em seu âmbito, que se dilata ao norte do Rio São Francisco entre o Atlântico e aproximadamente uma linha traçada de Joazeiro a São Luiz do Maranhão, evidencia a magnitude do empreendimento que lhe compete enfrentar.

Em correspondência com a amplitude do campo de operações, desdobram-se-lhes as tarefas, por meio das quais o 1º Grupamento de Engenharia "constrói rodovias e ferrovias, açudes e canais de imigração", sem prejuízo das suas funções normais, de "formação militar de mocidade, alfabetização obrigatória nos quartéis".

De mais a mais, eventualmente, cuida também da "assistência social, sanitária e técnica dos trabalhadores, apoio decisivo aos Estados nordestinos, nas épocas de calamidade, aprimoramento ou formação de técnicos em vários setores da mecânica ou da construção".

A cooperação do 1º GptE, para a solução racional e humana da assistência apraz às classes desprote-

gidas, que a plaudem, como assinalam observadores maravilhados.

Bastaria, aliás, o depoimento de D. Helder Câmara, o Apóstolo da Pobreza e defensor abnegado dos humildes, para lhe realçar a benevolência.

Não se conclua, porém, do carinho, com que se esforça por atenuar o sofrimento dos habitantes das regiões flageladas pelas sêcas periódicas, que dê preferência aos imperativos da solidariedade humana, em detrimento de obrigações profissionais, que lhe determinaram a formação.

Estas foram orientadas de princípio, pela inteligência robusta do Coronel Rodrigo Octávio Jordão Ramos, a quem sucedeu, com análogas credenciais o Cel. Haroldo do Paço Matoso Maia.

Subcomandante, o Ten.-Cel. Samuel A.A. Corrêa conseguiu reunir, para a patriótica missão, resoluta plêiade de jovens oficiais, cujo entusiasmo construtivo se patenteia nos resultados colhidos em cada unidade.

Coube ao 1º B. Rv., que inaugurou seus trabalhos a 30 de março de 1955, ativar as obras distendidas por cento e quarenta e cinco quilômetros de estradas de ferro, que abrangem a ligação de Afonso Bezerra a Macau, e 841 quilômetros de rodovias, em parte começados, ou concluídos, aqui, ali, acolá, pela DNOCS.

O 3º B. Fv., responsável por 390 quilômetros de vias férreas, 588 de estradas de rodagem e 3 açudes,

organizou-se a 1 de março, em Campina Grande.

Compete-lhe a construção de trecho ferroviário de Patos-Viração (58 km), de Bananeiras-Picuí (104 quilômetros), Oeiras-Paulistana (223 quilômetros).

No que tange ao 4º B.Fv., recebeu o encargo de construir dois açudes, 311 quilômetros de estradas de rodagem, e 861 de ferrovias em que se incluem as linhas de Terezina a Oeiras (322 km), Piri-piri a Terezina (163 km), Oiticica a Altos (188 km), Piquet Carneiro-Crateus (188 km).

Esses trechos, embora desunidos, destinam-se a promover a articulação entre si das diferentes vias férreas existentes, por maneira que Terezina se ligue, por Cratêus, a leste, ao Recife, e em Joazeiro, ao sul, à rede baiana, além de entrosar localidades importantes, como Caicó, Macau, Patos e outras, no sistema existente, como reclamavam há muito os interesses regionais e as conveniências gerais da formação de verdadeira rede ferroviária, em vez de conjunto de vias férreas descontínuas.

Destarte, o 1º Grupamento de Engenharia, com a sua organização especial e eficiente, atende aos imperativos técnicos, anteriormente examinados pelo DNEF, que assinou traçado mais aconselhável, e entendeu-lhe as obras em mais de um trecho.

Do paralelismo da ação de ambas as entidades, rompeu, de princípio, a suspeita da interferência de duas órbitas distintas, que levou o preclaro Presidente do Clube de Engenharia, Professor Maurício Joppert, como lídimo representante da classe de engenharia civil, a manifestar a sua desaprovção às diretrizes adotadas pelo Governo Federal.

A troca de correspondência esclarecedora com o Ten.-Cel. Samuel A. Corrêa, porém, estampada em sua "Revista", afastou as desconfianças e motivos de divergência.

Contestando a afirmativa de "militarização das obras contra as sêcas", assegurou o Subcomandante que "nunca se pensou em tal solução".

E acrescentou, a propósito: "estamos, nós militares no nordeste, para ajudar, para cooperar, e não para substituir os engenheiros civis. Somos, ao todo, cerca de 150 oficiais de Engenharia, que inspirados no mesmo ideal de servir ao Brasil, movidos pela mesma vontade inabalável de cumprir as missões que nos foram atribuídas, e que nos empolgam, aqui estamos com entusiasmo e determinação, vencendo as dificuldades e incômodos da jornada, dispostos a tudo fazer para honrar a confiança que em nós foi depositada.

Servem-nos de estímulo, não somente as asperezas do caminho a percorrer, mas o contato que temos com o interior nordestino, que bem necessita de esforço conjugado dos brasileiros para progredir e neutralizar as condições climáticas altamente desfavoráveis que, se de um lado revelam o estocismo, a perseverança e a fibra do sertanejo, lutador indômito de que nos orgulhamos, de outro lado são em grande parte responsáveis pelo atraso existente e, por que não dizer, pela decadência física de parte da população, que, em vez de vencer-las, por elas é vencida e reduzida à indigência e à condição de marginais.

Disse eu, e reafirmo com base na realidade que estamos apenas cooperando nesse esforço, pois os componentes civis do DNOCS, continuam à testa da maior parte dos trabalhos deste Departamento, que prossegue em sua obra meritória, lutando cada vez mais com o problema da carência de técnicos para atender às próprias necessidades".

Ainda acrescentou: "os Distritos do DNOCS continuam a atuar independentes do grupamento, honrando-nos com sua compreensão e amizade, e conosco cooperam sempre que solicitados, e que nossas construções se processam de acôrdo com o planejamento e as diretrizes administrativas e técnicas baixadas pela DNOCS".

A sinceridade e franqueza destas explicações não podiam deixar de atenuar as prevenções, do insigne Professor, que reconheceu a possibilidade de atuar a Engenharia Mi-

litar em empreendimentos que não se enquadrem estritamente em seus objetivos normais.

Numerosos exemplos poder-se-iam enfileirar, de execução, por oficiais dessa Arma, de trabalhos comum de engenharia.

O de maior vulto, quando já não faltavam técnicos paisanos, varou os ocidentais sertões desconhecidos em memorável campanha, que imortalizou os seus legionários fardados, sob a chefia do cuiabano, cujo sobrenome se insculpiu na toponímia regional.

Mais do que militar, a atuação fe-Rondon, de Tenente a Marechal, decunda de Cândido Mariano da Silva desenvolveu-se em missões civis, causadoras de luminosa fama nos centros culturais europeus e americanos, que lhe indicaram o nome para o prêmio Nobel.

O batismo de "Rondônia", que a ciência de Roquette Pinto entregou à circulação entre os doutos, completou-se com a denominação legal do Território, que primeiramente adotara o título de Guaporé.

Além das Linhas Telegráficas, distendidas de Cuiabá à margem do Rio Madeira, em complemento às ligações anteriores, com a maior parte das localidades matogrossenses, ocupou-se a engenharia militar, quando houvesse oportunidade, de obras portuárias, da demarcação de limites, da construção de estradas de ferro. A aplicação de análogo critério ao Nordeste correspondia apenas à sistematização de costumeiro processo, em benefício da região maltratada pelas secas.

Não obstante as justificativas aceitas de boa mente pelo mais autorizado antagonista, ainda, de quando em quando rompem restrições, como as trouxeram a público as declarações convincentes do Coronel H.P. Matoso Maia.

Depois de explicar a perfeita entrosagem dos serviços civis e militares, cada qual com a sua verba própria e autônoma administração, em percentagem de 12,8%, na órbita da

DNEF e 12,9% em DNOCS, para o 1º Grupamento, e 87,2% e 87,1%, respectivamente, para os Departamentos, o dedicado comandante assinala o andamento das obras. Entrega ao tráfego da ponte sobre o Rio Seridó, em Caicó, da ferrovia Oscar Nelson a S. Rafael, a inauguração prevista para janeiro da rodovia de Parelhas a Santa Luzia.

Prosseguimento da terraplanagem da ferrovia Bandeiras-Picuí-Barra de Santa Rosa e das rodovias Vereda Grande, Floriano, Oeiras, Central do Ceará, Macau, Jucurutu-Caicé, Patos, Santa Luzia, Serra Negra-Pombal, Jardim do Seridó, Ouro Branco, lançamento de 22km de linha entre Afonso Bezerra e Macau.

No que tange aos açudes, além do Curimatã, integrante do sistema do Rio Paraíba, já se iniciou a locação e abertura dos canais de irrigação do açude Várzea do Boi, e a concretagem do açude Mal e Gargalheiras.

De mais a mais, o abastecimento d'água de Campina Grande foi melhorado, e também o aeroporto de Crateus, e a barragem sobre o Rio Poti.

O hospital de Caicó, a rede de armazéns que vendem do bom e barato, e postos de saúde, servidos por médicos ou enfermeiros, dentistas volantes e farmácias de urgência, atendem, de preferência à assistência social e sanitária de avultada população marginal, proveio do SAS do 1º Grupamento.

A eficiência da sua atuação humanitária mereceu louvores dos Bispos reunidos, não há muito, em Congresso, para acertarem providências em benefício dos nordestinos.

É depoimento que vale por insuspeito e cabal testemunho da operosidade benéfica do 1º Grupamento de Engenharia, em construtiva cooperação com os Departamentos Federais de Estradas de Ferro (DNE F), e de Obras Contra a Sêca (D NOCS), subordinados ao Ministério da Viação e Obras Públicas.